

Doi: 10.5281/zenodo.16740551

O TRABALHO COMO GERADOR DE SENTIDO PARA O POLICIAL MILITAR NO SERVIÇO OPERACIONAL: uma leitura sob o olhar da Psicologia Sócio-Histórica.

Alex Sandro de Sene¹

Denise Kloeckner Sbardelotto²

RESUMO: Este artigo, à luz da Psicologia Sócio-Histórica, explora a concepção do trabalho enquanto gerador de sentido para o policial militar no serviço operacional. O trabalho é entendido não apenas como uma atividade de subsistência, mas como fonte de propósito, identidade e expressão criativa. Destaca-se a importância de um trabalho significativo para uma vida bem-sucedida. No contexto do serviço operacional na polícia militar, essa perspectiva torna-se determinante, moldando a identidade e visão de mundo dos profissionais. Apesar dos desafios e riscos, a carreira policial pode ser gratificante, impactando positivamente a qualidade do atendimento à população e o bem-estar dos agentes. Este estudo, embasado na Psicologia Sócio-Histórica, busca compreender os fatores que podem levar à desmotivação dos policiais militares operacionais nessa complexa atuação profissional. A metodologia adotada neste estudo compreende uma revisão criteriosa da literatura. Esta revisão explora estudos relevantes sobre trabalho, sentido e significado, bem como a realidade policial. Ela percorre as obras dos principais autores e estudiosos que abordam esse tema. A abordagem sócio-histórica é utilizada como uma ferramenta conceitual crucial para compreender as implicações do trabalho policial na saúde mental e no bem-estar dos profissionais. Portanto, conclui-se que a compreensão do significado do trabalho na vida dos policiais militares é primordial para promover não apenas o seu bem-estar, mas também a eficácia profissional. Essa conclusão reforça a importância de fornecer suporte psicológico contínuo e de cultivar uma cultura organizacional que valorize tanto o propósito quanto a identidade dentro da carreira policial.

Palavras-chave: Policial Militar Operacional. Alienação. Trabalho. Sentido. Motivação.

¹ Discente do curso de graduação em Psicologia – Bacharelado, do Centro Universitário UniFatecie. Email: enessxela@gmail.com

² Professora Doutora, docente do curso de graduação em Psicologia – Bacharelado, do Centro Universitário UniFatecie. Email: deniseklsb@gmail.com

WORK AS A MEANING GENERATOR FOR THE MILITARY POLICE OFFICER IN OPERATIONAL SERVICE: a reading through the lens of Socio-Historical Psychology

ABSTRACT: This article, at the light of Socio-Historical Psychology, explores the conception of work as a generator of sense for military police in operational service. The work is understood not only as a subsistence activity, but as a source of purpose, identity, and creative expression. The importance of meaningful work for a successful life is highlighted. In the context of operational service in the military police, this perspective becomes decisive, shaping the identity and worldview of these professionals. Despite the challenges and risks, a police career can be rewarding, positively impacting the quality of service to the population and the well-being of officers. This study, based on Socio-Historical Psychology, research to understand the factors that can lead to the discouragement of Military Operational Police in the complex professional performance. The methodology adopted in this study covers a careful review of the literature. This review explores relevant studies on work, sense and meaning significance, as well as police reality. It encompasses the works of the main authors and academics that study this topic. The socio-historical approach is used as a conceptual crucial tool to understand the implications of the police work on the mental health and well-being of professionals. Therefore, it is concluded that the understanding of the meaning of work in the lives of military police officers is essential to promote not only their well-being, but also their professional effectiveness. This conclusion reinforces the importance of providing continue psychological support and to cultivate an organizational culture that enrich both purpose and identity within the police career.

Keywords: Operational Military Police. Alienation. Work. Sense. Motivation.

INTRODUÇÃO

Não é interesse deste artigo tecer qualquer tipo de crítica à instituição Polícia Militar, nem tão pouco julgar ou justificar ações dessa categoria de profissionais, mas sim olhar para os seres humanos, homens e mulheres que, diuturnamente, cumprem com o seu o juramento de “defender as instituições com o sacrifício da própria vida”, os quais, muitas vezes, ainda estão na busca de um sentido e realização pessoal no trabalho que escolheram por profissão. Atuando diretamente na sociedade, estes policiais modificam e são modificados pelas pessoas à sua volta e pelo ambiente no qual trabalham. De acordo com Codo (2006), o trabalho permite ao indivíduo adquirir novas formas de socialização, valorizando as habilidades dos outros e demonstrando suas próprias capacidades, possibilitando assim, a conquista de seu espaço na sociedade.

Marx (2013) descreve o trabalho como um processo em que o ser humano media, regula e controla o seu metabolismo com a natureza, modificando-a e desenvolvendo as suas próprias potencialidades. Ao trabalhar, o homem também desenvolve a sua própria natureza e submete o jogo de suas forças ao seu próprio domínio. No processo de trabalho, a atividade do homem transforma o objeto do trabalho segundo uma finalidade concebida desde o início, resultando em um produto que está objetivado. Explorando os conceitos e ideias de Vygotsky (1991; 2001) relacionados à construção de sentido nas atividades humanas, afirmamos que o trabalho é, portanto, um gerador de sentido para o ser humano.

O policial militar no serviço operacional exerce uma atividade complexa e desafiadora que requer uma ampla gama de habilidades e conhecimentos. “O indivíduo, ao ingressar na instituição, defronta-se com novos valores, critérios de avaliação e um modo de ser, perceber, sentir e agir que elicia novos comportamentos com base em práticas, organização e estruturação do trabalho” (Codo, 2006, p. 216).

Este artigo destaca que, a psicologia social e histórica aponta a importância do trabalho como gerador de sentido na vida desse profissional. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo explorar o papel do trabalho como gerador de sentido para o policial militar no serviço operacional, sob uma perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica. Partindo da ideia de que o trabalho pode fornecer identidade, significado e propósito para as pessoas, buscamos compreender como essa dimensão pode ser vivenciada pelos policiais militares em seu cotidiano.

Com essa pesquisa, espera-se contribuir para uma melhor compreensão do papel do trabalho como gerador de sentido na vida dos policiais militares no serviço operacional, bem como para o desenvolvimento de práticas que possam promover uma vivência mais saudável e significativa do trabalho à essa categoria profissional tão importante para a sociedade.

Esta pesquisa é de tipo bibliográfica, que, segundo Gil (2002), é efetuada em material pré-existente, composto principalmente de livros e artigos científicos.

Contamos também com bibliotecas digitais e *sítes*, com a finalidade de encontrar e separar materiais que abordam o tema do trabalho como gerador de sentido, analisando como o mesmo se pode apresentar à realidade do policial militar no serviço operacional através do olhar da Psicologia Sócio-Histórica.

No desenvolvimento deste artigo, inicialmente, aprofundaremos a concepção de trabalho segundo a perspectiva de Marx, explorando sua visão sobre o trabalho como um processo que envolve a mediação entre o ser humano e a natureza, bem como a transformação do objeto do trabalho com um propósito definido. Analisaremos como essa concepção marxista do trabalho se relaciona com a Psicologia, especialmente no que diz respeito à busca por sentido e realização pessoal. Em seguida, investigaremos o conceito da Psicologia Sócio-Histórica e sua aplicabilidade neste estudo, destacando a importância de compreender as relações entre indivíduos, trabalho e contexto social no processo de construção do sentido. A partir desse embasamento teórico, exploraremos a história da Polícia Militar no Brasil e como a corporação está estruturada, contextualizando assim o cenário em que os policiais militares do serviço operacional estão inseridos. Por fim, através dessa abordagem, pretendemos contribuir para uma melhor compreensão do papel do trabalho como gerador de sentido na vida dos policiais militares e para o desenvolvimento de práticas que promovam uma vivência mais saudável e significativa no exercício dessa importante profissão, e o efeito negativo que ocorre quando esses profissionais, em algum momento de suas carreiras, perdem a motivação e o sentido no realizar de suas funções.

1. TRABALHO: ALIENAÇÃO E ATIVIDADE

2.1 ALIENAÇÃO E TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Nesta seção, serão exploradas as concepções de Karl Marx sobre o trabalho na sociedade capitalista. Em suas obras, Marx (2003, 2006, 2016) sustenta que os

trabalhadores vivenciam um trabalho alienado, através de uma separação dos meios de produção controlados pelos proprietários. Eles são compelidos a vender sua força de trabalho por um salário, sem controle sobre o resultado do seu labor. Essa exploração gera desigualdades e contradições, impulsionando a luta de classes, em que trabalhadores buscam melhores condições e uma distribuição mais equitativa da riqueza produzida. Neste segmento, será utilizada a ótica e as ideias críticas de Marx para compreender trabalho e alienação dentro do sistema capitalista.

De acordo com a perspectiva abordada por Codo (1994), o trabalho é entendido como uma atividade humana direcionada pela consciência, sendo guiado por propósitos idealmente delineados antes da execução. Nesse ponto de vista, o trabalho não pode ser dissociado do objeto e do produto em que se aplica; não se configura como uma abstração pura da consciência, mas sim como uma manifestação material e concreta.

Marx (2004) argumenta que no sistema capitalista, o trabalho sofre um processo de alienação. Os trabalhadores são alienados de seu próprio trabalho devido à separação entre eles e os meios de produção, que são controlados pelos proprietários dos meios de produção. Os trabalhadores são obrigados a vender sua força de trabalho em troca de um salário, e não têm controle sobre o produto do seu trabalho. Essa alienação leva a uma perda de controle e autonomia sobre o trabalho, resultando em um sentimento de estranhamento e desumanização:

Vivemos hoje sob o domínio da produção capitalista em que uma grande e sempre crescente classe da população só pode viver se trabalhar, a troco de um salário, para os proprietários dos meios de produção - das ferramentas, máquinas, matérias-primas, e meios de subsistência (Marx, 2006, p. 11).

A alienação, de acordo com Marx (2004), refere-se ao estado em que os indivíduos se encontram quando são separados, ou alienados, de aspectos essenciais de sua própria natureza humana devido às condições socioeconômicas e estruturas de poder presentes na sociedade capitalista. Nesse contexto, os trabalhadores se tornam alienados de seu próprio trabalho. Em vez de realizarem tarefas significativas

e criativas, os trabalhadores muitas vezes executam tarefas repetitivas e monótonas em um ambiente de produção industrial. A natureza fragmentada e desumanizadora do trabalho aliena os indivíduos de seu próprio potencial criativo.

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menschenwelt). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (Marx, 2004, p. 80).

Os proprietários de mera força de trabalho, os proprietários de capital e os proprietários fundiários, que têm no salário, no lucro e na renda da terra suas respectivas fontes de rendimento, isto é, os assalariados, os capitalistas e os proprietários fundiários, formam as três grandes classes da sociedade moderna, fundada no modo de produção capitalista. A resposta se encontra, à primeira vista, na identidade entre rendimentos e fontes de rendimento. Trata-se de três grandes grupos sociais, cujas partes integrantes, os indivíduos que os formam, vivem respectivamente de salário, lucro e renda da terra, da valorização de sua força de trabalho, de seu capital e de sua propriedade fundiária (Marx, 2016).

Outro aspecto fundamental da concepção de trabalho em Marx é a exploração. No sistema capitalista, os trabalhadores são explorados pelos capitalistas, que detêm os meios de produção. Os trabalhadores recebem um salário que é inferior ao valor total do trabalho que produzem. A diferença entre o valor criado pelo trabalho e o salário recebido pelo trabalhador é a mais-valia, que é apropriada pelos capitalistas como lucro. Essa exploração gera desigualdades e contradições no sistema capitalista: “A força de trabalho é, pois, uma mercadoria que o seu proprietário, o operário assalariado, vende ao capital. Porque a vende ele? Para viver” (Marx, 2006, p. 27).

Além disso, a concepção de trabalho em Marx (2016) está intimamente ligada à luta de classes. Ele argumenta que no sistema capitalista, há uma divisão entre a classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho, e a classe capitalista, que detém os meios de produção e a classe dos proprietários de terras. Essas classes têm interesses conflitantes, e a luta de classes é vista como uma força motriz da mudança social. Os trabalhadores buscam melhorias em suas condições de trabalho e uma distribuição mais justa da riqueza produzida pelo seu trabalho.

Nos dias de hoje, ainda vivenciamos a luta de classes e as desigualdades analisadas por Marx, com disparidades econômicas entre trabalhadores e proprietários persistindo globalmente. Apesar das transformações nas dinâmicas sociais e econômicas desde os tempos de Marx, influenciadas pela globalização e avanços tecnológicos, as preocupações em torno de justiça econômica, exploração trabalhista e melhorias nas condições de vida permanecem pertinentes. Embora a luta de classes possa não ser consciente para todos os trabalhadores, movimentos sociais, sindicatos e ativistas continuam a defender mudanças e buscam equidade na distribuição de recursos, refletindo a relevância contínua das questões fundamentais abordadas por Marx em debates sobre igualdade social e poder econômico na busca por uma sociedade mais justa.

A alienação e exploração presente no trabalho policial militar se revela como um processo complexo, levando a uma desconexão profunda entre o agente e o significado e sentido que são gerados pelo ato de trabalhar. Se por um lado, o respeito à hierarquia é fundamental para o bom funcionamento das instituições militares, por outro, esta falta de conexão é intensificada pela falta de controle sobre políticas e procedimentos, determinados por superiores hierárquicos, limitando o policial ao papel de um mero executor de ordens, com sua autonomia suprimida: “Na estruturação organizacional das instituições militares, sabe-se perfeitamente quem é superior e quem é subordinado. Ao subordinado, cabe obedecer e ao superior, tomar decisões” (Codo, 2006, p. 235). Adicionalmente, a distância entre o profissional e os resultados

de seu trabalho amplifica essa alienação, impossibilitando a conexão direta com o impacto de suas ações. As condições desumanas de trabalho, junto à ausência de identificação com o propósito institucional e reconhecimento pelo esforço empregado, agravam essa sensação de distanciamento, levando o policial a um estado de alienação marcado por conflitos internos e falta de propósito.

Sob a condição da separação absoluta do trabalho, a alienação assume a forma de perda de sua própria unidade: trabalho e lazer, meios e fins, vida pública e vida privada, entre outras formas de disjunção dos elementos de unidade presentes na sociedade do trabalho. Expandem-se, desse modo, as formas de alienação dos que se encontram à margem do processo de trabalho (Antunes, 2009, p. 132).

É possível compreender a profunda crítica de Marx ao sistema econômico dominante. Suas análises ressaltam a perda do controle e autonomia dos trabalhadores em relação ao seu próprio labor, bem como a exploração e as desigualdades inerentes ao sistema capitalista. No entanto, prosseguimos nossa investigação sobre o trabalho, agora direcionando nosso olhar para uma perspectiva distinta, o trabalho como atividade geradora de sentido, onde buscaremos compreender a importância do trabalho para o policial militar em serviço operacional, por meio da lente da Psicologia Sócio-Histórica. Exploraremos como o trabalho pode contribuir para a construção de identidade, satisfação pessoal e sentido de propósito.

2.2 O TRABALHO COMO ATIVIDADE GERADORA DE SENTIDO

A Psicologia Sócio-Histórica, que inclui a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski (1896-1934), possui uma característica intrínseca que é a capacidade de análise crítica. Essa capacidade não decorre apenas da intencionalidade de quem a produz, mas também dos seus fundamentos epistemológicos e teóricos. Essa abordagem tem suas bases no marxismo e abraça o materialismo histórico e dialético como sua filosofia, teoria e método de investigação. Nessa perspectiva, o homem é concebido como um ser ativo, social e histórico. A sociedade, por sua vez, é entendida

como uma construção histórica feita pelos seres humanos, que, através do trabalho, moldam suas condições materiais de vida. As ideias são vistas como representações da realidade material, ou seja, reflexos das condições concretas em que as pessoas vivem e atuam (Bock; Gonçalves; Furtado, 2007).

No século XIX, em meio à Revolução Industrial e o desenvolvimento do sistema capitalista, Karl Marx desenvolveu sua teoria crítica ao capitalismo, abordando o papel central do trabalho em suas análises. Influenciado por filósofos como Hegel, Feuerbach e os socialistas utópicos, Marx elaborou uma visão abrangente do trabalho e suas implicações na sociedade: “Do ponto de vista da Antropologia, o que sobreleva é a relação do homem com a natureza por meio do trabalho e a humanização sob o aspecto de autocriação do homem no processo de transformação da natureza pelo trabalho” (Marx, 2013, p. 39). De acordo com Marx (2007), o homem, de maneira ativa, ao transformar a natureza para criar condições de sobrevivência, se diferencia dos demais animais que só coletam coisas na natureza. Sendo essa capacidade para o trabalho, a característica a primeira e determinante, dentre outras muitas que os diferencia dos outros animais.

Para Marx (2013), o trabalho é uma atividade humana essencial e transformadora, por meio da qual os indivíduos interagem com a natureza e produzem bens e serviços. É através do trabalho que os seres humanos expressam sua criatividade e capacidade de moldar o mundo de acordo com suas necessidades. Essa visão enfatiza a importância do trabalho como um aspecto intrínseco da existência humana.

O trabalho social, atividade vital humana, por sua vez, é o processo por meio do qual se dá, em nível filogenético, a passagem do ser biológico para o ser sócio-histórico e, em nível ontogenético, a possibilidade – mais ou menos plena – de objetivação da personalidade humana (Martins; Eidt, 2010, p. 676).

De acordo com Leontiev (2014), a teoria sobre atividade é o ponto central para a compreensão do comportamento humano, pois a atividade se apresenta como uma ação orientada para um objetivo que envolve interação entre indivíduo e ambiente: “A

atividade não existe sem um motivo; atividade “não motivada” não é atividade sem um motivo, mas atividade com um motivo subjetivamente e objetivamente oculto” (Leontiev, 2014, p. 58). O autor destaca o envolvimento da atividade com a consciência, a qual desempenha um papel central na seleção de meios e na coordenação de ações para alcançar objetivos. Com a formação da personalidade, onde as experiências de atividade são fundamentais para a construção da identidade e da psicologia individual. E com o desenvolvimento humano, onde as atividades evoluem ao longo da vida e como a mudança social e cultural afeta a atividade humana. Para Leontiev (2014) a atividade consciente faz parte da identificação do ser humano.

Os “componentes” básicos de atividades humanas separadas são as ações que as realizam. Consideramos ação o processo que corresponde à noção do resultado que deve ser atingido, isto é, o processo que obedece a um objetivo consciente (Leontiev, 2014, p. 142).

Portanto, ao estudar a atividade na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, compreendemos que o psicológico não é uma parte isolada dentro do indivíduo, mas sim um resultado da interconexão dinâmica entre o sujeito e seu mundo. A atividade é a lente através da qual a subjetividade é formada e manifestada, refletindo as variantes da relação entre o homem e a realidade à sua volta. Nessa abordagem, a atividade se revela como um processo contínuo de interação, transformação e construção mútua entre o indivíduo e sua esfera sociocultural (Aguilar, 2007).

Segundo Bock (2020), a Psicologia Sócio-Histórica nos ensina a valorizar profundamente o sentido e o significado na relação entre pensamento e linguagem. Isso nos permite mergulhar na essência subjetiva dos fenômenos sociais, compreendendo que os significados são construções sociais que servem como alicerces da comunicação em nossa vida coletiva. Por outro lado, os sentidos emergem na nossa consciência, forjados pelas palavras e moldados pelas experiências que acumulamos com o mundo material e social que nos rodeia. Essa abordagem visionária procura unir as complexas dimensões subjetivas com a

tangibilidade da existência, almejando uma compreensão mais abrangente dos fenômenos sociais em cenários tão diversos quanto educação, trabalho, justiça, assistência social, saúde e outras esferas institucionais.

Gonçalves *et al* (2016), em seu artigo “Bases epistemológicas sobre sentido(s) e significado(s) do trabalho em estudos nacionais”, relata que a centralidade do trabalho na vida das pessoas suscita discussões polarizadas. Alguns estudiosos defendem a ideia de que o trabalho perdeu sua importância atualmente, enquanto outros o consideram como categoria central, relacionado à construção da identidade e à socialização. Adotar a perspectiva da centralidade do trabalho implica considerá-lo como o componente mais importante no fenômeno sentido(s) e significado(s) do trabalho, conforme as principais abordagens teóricas. Compreender esse fenômeno em sua complexidade e historicidade é enfatizado como fundamental. Os termos “sentido” e “significado” são conceitos essenciais para entender como os indivíduos constroem sua compreensão do mundo e, para a Psicologia Sócio-Histórica, eles são elementos-chave na compreensão da construção psicológica, que mescla influências sociais e experiências pessoais.

Os significados sociais, compartilhados na sociedade e moldados historicamente, influenciam a comunicação, mas os indivíduos internalizam esses significados, transformando-os em sentidos pessoais, influenciados por suas experiências únicas. O sentido é mais dinâmico e individual, incorporando aspectos cognitivos e afetivos e são moldados pela interação com o ambiente e pelas emoções. Portanto, para a Psicologia Sócio-Histórica, sentido e significado desempenham um papel fundamental na compreensão da construção psicológica dos indivíduos e são influenciados tanto pelas influências sociais quanto pelas experiências pessoais (Gonçalves *et al*, 2016).

Assim como os instrumentos de trabalho mudam historicamente, os instrumentos do pensamento também se transformam historicamente. E assim como novos instrumentos de trabalho dão origem a novas estruturas

sociais, novos instrumentos do pensamento dão origem a novas estruturas mentais (Vygotsky, 1991, p. 87).

Assim, entendemos que, sob a ótica da Psicologia Sócio-Histórica, o trabalho é inerente à condição humana e pode ser caracterizado como uma atividade consciente central na vida das pessoas. Ele não se limita apenas à dimensão econômica, mas também está relacionado à construção da identidade, à socialização e à busca de sentido na vida dos indivíduos. Para profissionais como os policiais militares no serviço operacional, o trabalho pode exercer um papel significativo, proporcionando interação social, conexão com a comunidade e um senso de propósito. Através do trabalho, esses profissionais podem encontrar um significado maior em suas atividades, servindo e protegendo a sociedade, o que pode contribuir para uma sensação de realização e bem-estar pessoal.

No entanto, é importante ressaltar que a experiência do trabalho é influenciada por diversos fatores, como as condições de trabalho, o apoio institucional às demandas emocionais e a cultura organizacional, que podem impactar a percepção e o sentido atribuído a essa atividade. Assim, a compreensão do trabalho e sua relevância na vida dos profissionais deve ser analisada considerando o contexto específico em que ocorre, bem como as percepções individuais e coletivas dos envolvidos. Porém, é importante ressaltar que o trabalho na Polícia Militar pode não ser apenas uma fonte de estresse, mas também uma oportunidade de crescimento pessoal e auto realização (Leontiev, 2014).

2. FORMAÇÃO E TRABALHO DO POLICIAL MILITAR NO BRASIL

Segundo a Agência Senado (2013), a história da Polícia Militar (PM) no Brasil é intrincada e reflete uma série de transformações ao longo dos séculos, com raízes que remontam ao século XIX. Neste tópico, exploraremos brevemente a trajetória

dessa instituição desde sua origem até sua estruturação atual, considerando também os períodos de ditadura militar e sua relação com a sociedade.

A semente da Polícia Militar foi plantada no início do século XIX, quando D. João VI chegou ao Brasil em 1808. Para assegurar a ordem pública e a segurança da nobreza que migrava de Portugal, uma entidade equivalente à Guarda Real de Polícia de Lisboa foi criada no Rio de Janeiro, denominada Divisão Militar da Guarda Real de Polícia do Rio de Janeiro. Este corpo militarizado, com suas companhias de infantaria e cavalaria, serviu como precursor da estrutura que viria a ser a Polícia Militar (Agência Senado, 2013).

A estrutura policial no Brasil evoluiu ao longo do tempo e inicialmente foi influenciada pelo modelo português medieval. A criação do cargo de Intendente Geral de Polícia da Corte em 1808 e do Corpo de Comissários de Polícia em 1810 foram importantes marcos na evolução da organização policial no Brasil. Durante o período de 1808 a 1827, a organização policial permaneceu acumulada com as funções judiciárias, mas a descentralização ocorreu com a promulgação do Código de Processo Criminal do Império. Em 1841, a Intendência Geral de Polícia foi extinta, criando-se o cargo de Chefe de Polícia, auxiliado por delegados e subdelegados de Polícia. A Lei n.º 2033, regulamentada em 1871, separou a Justiça e a Polícia de uma mesma organização e proporcionou inovações que perduram até hoje, como a criação do Inquérito Policial (Secretaria de Segurança Pública/SP).

Conforme o país se expandia, as necessidades de manutenção da ordem também se multiplicavam, levando à criação de corpos policiais nas províncias. A designação "Militar" foi acrescentada após a proclamação da República em 1889 e, ao longo das décadas seguintes, essas corporações assumiram várias denominações, tais como Batalhão de Polícia e Brigada Militar, refletindo a autonomia e organização dos estados (Agência Senado, 2013).

Durante o regime civil-militar (1964-1985), a Polícia Militar passou por uma reestruturação significativa. Uma classificação hierárquica unificada foi estabelecida,

e a Inspetoria Geral das Polícias Militares (IGPM) foi criada sob subordinação do Exército. Sob intervenção, a PM foi instrumentalizada para suprimir a oposição ao regime, exemplificando a interseção entre a estrutura militar e o contexto político (Agência Senado, 2013).

Hoje, de acordo com o § 3º do artigo 144 da Constituição (1988), as Polícias Militares estão subordinadas aos governadores estaduais, servindo como forças auxiliares e de reserva do Exército. A estrutura atual reflete uma evolução histórica complexa, na qual a PM se moldou a diferentes períodos políticos e sociais, desempenhando papéis diversos ao longo do tempo (Agência Senado, 2013).

As Polícias Militares, seguindo um modelo organizacional inspirado no Exército Brasileiro, dividem seus profissionais em duas categorias: os praças (Subtenente, 1º Sargento, 2º Sargento, 3º Sargento, Cabo e Soldado) e os oficiais (Coronel, Tenente-coronel, Major, Capitão, Primeiro-tenente, Segundo-tenente e Aspirante), cada uma com distinções em recrutamento, treinamento e responsabilidades, de acordo com seus níveis de qualificação. Em termos gerais, os oficiais exercem funções de comando, enquanto os praças ou soldados têm a responsabilidade de executar tarefas que implicam em contato direto com a população no dia a dia, refletindo-se na autoridade dos oficiais para liderança e tomada de decisões estratégicas e nas interações diretas dos praças com a comunidade: “Desse modo, a hierarquia é a ordenação da autoridade, em níveis diferentes, dentro da estrutura da Polícia Militar, por postos e graduações” (Codo, 2006, p. 234). Além disso, a Polícia Militar nos estados e no Distrito Federal opera com uma estrutura também semelhante à do Exército, compreendendo comandos gerais, comandos intermediários, batalhões, companhias e pelotões, sendo os batalhões localizados em cidades maiores e suas companhias e pelotões distribuídos conforme a densidade populacional nas cidades vizinhas, frequentemente subdividindo os pelotões em destacamentos ou postos de policiamento. Essa estrutura é fundamental para garantir a eficácia e a abrangência das ações policiais em diferentes áreas geográficas e populações, com cada nível

hierárquico desempenhando funções específicas que permitem uma atuação mais organizada e adaptada às necessidades locais, com o objetivo de assegurar a segurança e o bem-estar da população em todo o território, mantendo uma presença policial eficiente em todas as regiões (Souza, 2017).

O trabalho na Polícia Militar pode ser dividido em dois tipos: administrativo e operacional. O serviço administrativo que, embora não esteja isento de desafios, muitas vezes é marcado por uma dinâmica laboral que exige planejamento, organização e gestão de recursos e informações. Este contexto pode atrair aqueles que buscam uma abordagem mais estratégica, administrativa e burocrática dentro da instituição. E o serviço operacional, o qual frequentemente atrai indivíduos motivados pelo desejo de ação direta, enfrentamento de desafios e uma intensa ligação com a comunidade. Este é o âmbito em que a presença física e a prontidão para reagir a situações de emergência são essenciais, demandando habilidades distintas e imediatas.

Em ambas as esferas, é fundamental compreender que o trabalho na Polícia Militar não é uma atividade isolada, mas uma atividade inserida em um contexto social e cultural que confere significado e sentido à vida do policial. A nobre missão de proteger e servir a comunidade, seja através da ação direta ou do suporte administrativo, possibilita que o trabalho transcenda as meras tarefas diárias. Assim, a atividade laboral se transforma em uma via para a realização pessoal e a inserção social, proporcionando ao policial um senso de propósito e significado existencial. Entretanto, o serviço operacional também está mais exposto às dificuldades da carreira, pois coloca o policial em contato direto e constante com a população, que é o consumidor direto do serviço na segurança pública. Essa exposição resulta em um desgaste emocional mais intenso, devido à natureza muitas vezes crítica e desafiadora das situações que são enfrentadas.

O termo "serviço operacional" na Polícia Militar refere-se às atividades e ações desenvolvidas por policiais militares ostensivos ou velados no campo, em suas

operações diárias no combate à criminalidade e na manutenção da segurança pública. Essa parte da polícia militar envolve as atividades de patrulhamento, abordagem a suspeitos, resposta a chamados de emergência, investigações preliminares, apoio a operações especiais, entre outras ações diretamente relacionadas ao enfrentamento de situações e problemas na comunidade. As ações do serviço operacional podem ser realizadas por diversas modalidades de policiamento, como: atendimento ao 190, operador de rádio, rádio patrulha, policiamento com cães, policiamento rodoviário, policiamento florestal, policiamentos de naturezas especiais, patrulha escolar ou serviço de inteligência policial militar. Nessa esfera do serviço, os policiais militares estão em contato direto com a população, lidando com diversas ocorrências e atuando para prevenir e reprimir a criminalidade. É uma área de grande importância para a missão da Polícia Militar, pois é onde ocorre a interação mais próxima entre os policiais e a comunidade a qual eles servem (Souza, 2017).

3. SAÚDE MENTAL E TRABALHO NA POLÍCIA MILITAR: O POLICIAL OPERACIONAL

A cada ano, inúmeras oportunidades de ingresso nas forças policiais militares surgem por todo o território brasileiro, atraindo uma multidão de jovens, tanto homens quanto mulheres, que almejam alcançar estabilidade financeira, um salário atrativo, *status* social e a segurança no emprego. No entanto, em meio a essas aspirações, surge uma importante questão: quais são as características e atributos necessários para que alguém escolha essa profissão, apesar dos inúmeros desafios e perigos que a envolvem?

Sob a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, é fundamental explorar mais profundamente a dimensão do significado e do sentido no contexto do trabalho, pois esses elementos desempenham um papel crucial na vida das pessoas. Como Vigotski e Leontiev postularam, ao longo da história da humanidade, o trabalho tem sido uma

atividade central que molda não apenas a subsistência, mas também a identidade do indivíduo. Vigotski (2001) destacou a importância da mediação sociocultural no desenvolvimento humano, enfatizando que o significado e o sentido das atividades estão intrinsecamente ligados ao contexto social e cultural em que ocorrem. Leontiev (2004), por sua vez, ressaltou que a atividade humana é mediada por ferramentas e signos, sendo impregnada de significado e direcionada por objetivos, o que confere um propósito à ação: “O trabalho, é portanto, desde a origem mediatizado simultaneamente pelo instrumento (em sentido *lato*) e pela sociedade” (Leontiev, 2004, p. 80).

Esta nova forma de acumulação e de transmissão da experiência filogenética (ou, mais exatamente, histórica) deve o seu aparecimento ao fato da atividade característica dos homens ser uma atividade produtiva, criadora. Tal é sobretudo a atividade fundamental: o *trabalho* (Leontiev, 2004, p. 252).

Essas teorias ressaltam a relevância de compreender o trabalho não apenas como uma ação isolada, mas como uma atividade inserida em um contexto social e cultural que confere significado e sentido à vida do indivíduo. Dessa forma, ao considerar a escolha do trabalho policial militar e os desafios enfrentados ao longo dele, é fundamental analisar não apenas as demandas práticas da profissão, mas também como ela se insere na vida e na identidade dos indivíduos, buscando um equilíbrio entre a busca por estabilidade e a realização de um propósito social.

Para Vygotsky (1991), o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos é influenciado pelo seu ambiente social e cultural. No caso dos policiais, seu trabalho na Polícia Militar não deve ser apenas um trabalho ou fonte de renda, mas também uma atividade social que molda sua identidade e seu propósito. A nobre missão de proteger e servir a comunidade confere sentido e significado ao seu trabalho, podendo proporcionar um sentimento de realização pessoal e integração social.

Encontrar significado no trabalho representa entender que contribui para um objetivo maior, ser parte de algo relevante para a sociedade e experimentar identidade e pertencimento para além das tarefas diárias. Assim, o trabalho torna-se não apenas

uma fonte de sustento, mas uma via para a realização pessoal, proporcionando um senso de propósito e significado existencial. No entanto, quando o trabalho perde esse significado, a alienação se instala, levando a uma desconexão e a uma sensação de que a contribuição não é significativa: “Deste ponto de vista psicossocial, a alienação implica a ruptura entre o eu e o objetivo, e entre o eu e o subjetivo” (Codo, 2006, p. 12). Esse sentimento pode desencadear um ciclo de descontentamento que afeta tanto a vida profissional quanto a pessoal e emocional do trabalhador.

Mas quem são esses jovens, homens e mulheres, que buscam na carreira militar uma forma de sustento e realização pessoal? Podemos afirmar que eles realmente estão seguindo essa opção por livre vontade, conscientes de tudo o que vai acontecer em suas vidas a partir do momento em que ingressarem nas fileiras da Polícia Militar? Quando começa o processo de alienação?

Kant (2018) destaca a importância da autonomia moral, que implica agir de acordo com deveres racionais, não sendo controlado por influências externas. A alienação moral se manifesta quando indivíduos são forçados a agir contra sua própria razão e moral, frequentemente ocorrendo em sociedades opressivas. Em sua obra, *Crítica da Razão Pura*, Kant (2018) explora a estrutura da razão e a formação do conhecimento, e diz que a alienação intelectual ocorre quando as pessoas são privadas da capacidade de usar sua razão de maneira crítica e independente, muitas vezes devido à censura, desinformação ou limitações à liberdade intelectual. Kant também sublinha a centralidade da liberdade na moralidade, e em sociedades onde a liberdade é injustamente restringida, as pessoas podem experimentar alienação, sentindo-se desconectadas de sua capacidade de tomar decisões e agir de acordo com sua própria vontade. Portanto, segundo Kant (2018), podemos estar vivendo em uma sociedade que aliena as pessoas, principalmente quando não se estimula o pensar crítico.

Pois o que pode ser mais prejudicial para a compreensão do que comunicar meros pensamentos com falsidade, esconder dúvidas que sentimos em

relação a nossas próprias afirmações ou dar um verniz de evidência a argumentos que não satisfazem sequer a nós mesmos? (Kant, 2018, p. 552).

Sob os argumentos de Kant (2018), podemos afirmar que somos ensinados a pensar e a nos comportar, sempre da forma como a sociedade espera que sejamos, sempre de acordo com a maioria, que, colocando moldes em nossas vidas, limita o pensar e o saber crítico controlando como todos devem se comportar, sob as regras das boas maneiras vivendo uma vida de aparência.

Mas essa disposição de apresentar-se melhor do que se é, e expressar intenções que não se tem, serve apenas provisoriamente, por assim dizer, para tirar os seres humanos da barbárie e permitir-lhes adotar, pela primeira vez, ao menos os modos do bem; pois depois, quando os verdadeiros princípios se tenham desenvolvido e passado ao modo do pensar, aquela falsidade tem de ser combatida pouco a pouco, já que do contrário deteriora o coração e não permite que apareçam as boas intenções, sufocadas sob as ervas daninhas da boa aparência (Kant, 2018, p. 551-552).

Então, jovens moldados por uma sociedade capitalista alienadora, sendo assim, alienados, sem terem o conhecimento das dificuldades, riscos, e desafios profissionais e pessoais aos quais serão expostos, optam por seguirem na carreira policial militar sem um pleno conhecimento do significado e o sentido da atuação do policial militar na sociedade, muitas vezes influenciados por filmes e seriados policiais os quais não retratam a realidade do serviço. Esses jovens que ingressam nessa profissão muitas vezes têm uma forte motivação inicial. No entanto, ao enfrentarem os desafios da realidade operacional, a rotina exaustiva, as precárias condições de trabalho e o não reconhecimento, sofrem uma desilusão com a carreira, em relação a tudo que antes, de maneira ilusória e fantasiosa, idealizaram em relação ao trabalho. Isso leva o profissional ao adoecimento mental e físico, fazendo-o perder a conexão com sua motivação inicial e modificando a forma romântica como antes enxergava o trabalho operacional na policial militar.

Quando um jovem decide ingressar na polícia militar, iludido pela estabilidade de emprego e segurança financeira, ou até mesmo seguindo uma tradição familiar, seria de extrema importância compreender que essa decisão lhe trará muitos desafios

já no início da carreira. A profissão policial militar, especialmente no serviço operacional, vai além da garantia de um emprego estável. Ela exige do profissional ética e integridade, capacidade física e saúde, resiliência emocional, habilidades de comunicação, consciência situacional e tomada de decisão, e compromisso com o serviço público. Características fundamentais para que o profissional consiga desempenhar suas funções com excelência e eficácia.

Sendo assim, é vital que esses jovens que optarem por seguir a carreira militar compreendam que a escolha de se tornar um policial militar transcende as realizações materiais. Ela representa um compromisso com a sociedade e responsabilidades com a corporação. Logo, essa decisão deve ser analisada com base na compreensão profunda do sentido e do propósito que essa profissão pode oferecer. É somente através da compreensão do lugar que ele ocupa nisso tudo, que o jovem profissional pode verdadeiramente encarar os desafios e usufruir das recompensas que a carreira policial militar pode lhe proporcionar.

Todavia, mesmo os candidatos mais inspirados, motivados e preparados, ao se dedicarem ao trabalho operacional na polícia militar, frequentemente se encontram em um paradoxo: enquanto a motivação inicial parecia ser elevada, ao longo do tempo, muitos passam a sentir desconforto, descontentamento e desmotivação em relação à profissão que escolheram com tanto entusiasmo, iniciando assim o processo de adoecimento que leva a muito sofrimento e angústia, fazendo com que muitos policiais militares tomem atitudes auto destrutivas como abuso de álcool e drogas, ou até mesmo levar os profissionais ao extremo com o suicídio.

Para compreender este fenômeno à luz da Psicologia Histórico-Social, é essencial resgatar conceitos-chave, especialmente os de motivação, alienação e sentido. Inicialmente, após o interesse por um meio de sustento para si e sua família, o ingresso na profissão é frequentemente impulsionado por um senso de propósito e pela vontade de contribuir para a sociedade. Segundo Leontiev (2004), a motivação é compreendida como um processo dinâmico que impulsiona a atividade humana em

direção a metas e objetivos específicos. No entanto, ao depararem-se com as complexidades do trabalho operacional, tais como salários reduzidos e defasados, escalas em horários variados, efetivo reduzido que demanda uma carga de trabalho extenuante, más condições ergonômicas, falta de empatia dos superiores hierárquicos e de grande parte da sociedade, juntamente com o não reconhecimento dos grupos de convívio social aos quais pertenciam antes de ingressar na polícia, esses profissionais frequentemente experienciam um deslocamento do sentido original de sua motivação. Esse desencanto leva os profissionais a se depararem com a alienação e ignorância de uma vida inteira. Alienação que para Marx (2004) pode ser entendida quando os trabalhadores são separados dos produtos do seu trabalho e do processo de produção em si. Neste contexto, geralmente se refere ao sentimento de separação ou estranhamento que as pessoas podem experimentar em relação ao seu trabalho, muitas vezes devido à falta de significado, autonomia ou controle sobre o que fazem. E a descoberta da ignorância, que, para Kant (2018), deve ser o motivo do despertar para a busca racional do conhecimento. “Em vez de pôr fim às minhas investigações, a consciência de minha ignorância (quando esta não é ao mesmo tempo reconhecida como necessária) é antes a causa que efetivamente as desperta” (Kant, 2018, p. 557).

O labor esteve, desde o início, ligado à alienação, provocando a questão da forma como essa degeneração da atividade humana foi possível. Mas, desde o começo, o trabalho era analisado na perspectiva da sua abolição, do processo de desalienação, revelando como se tratava já de uma análise ao mesmo tempo negativa e positiva (Marx, 2007, p. 20).

O sentido pessoal e social que envolve o serviço operacional na polícia militar é complexo. O indivíduo deve harmonizar sua necessidade de segurança financeira e estabilidade no emprego com a responsabilidade de proteger a comunidade e manter a ordem pública. Essa dualidade pode criar conflitos internos, pois o desgaste emocional e os dilemas éticos podem minar a sensação de significado e propósito no trabalho: “Durante o processo de formação, ele é treinado para ver no outro um

suspeito, um inimigo, contra o qual ele terá que atuar profissionalmente” (Codo, 2006, p. 238).

Além disso, o ambiente de trabalho muitas vezes expõe os profissionais a experiências traumáticas, violência (externa e interna), discriminação da sociedade, pressões psicológicas constantes e demora nas ascensões na carreira. De acordo com Codo (2006), no processo de formação do policial militar, parte-se da premissa de que a obediência irrestrita é alcançada por meio da imposição de castigos (coerção) ou pela mera possibilidade de sua aplicação. Essa abordagem, que faz uso da violência pedagógica, reforça a representação do civil como uma figura perigosa. A ideia é que ao aprender a lidar com o sofrimento, o policial estará mais apto a enfrentar essa realidade.

A maioria dos entrevistados falou a respeito da relação superior - subordinado, abordando as discriminações sofridas e praticadas contra eles, o desacordo com a visão que a sociedade possui deles e da Polícia Militar, das mudanças pessoais percebidas após o ingresso na instituição, das dificuldades em conciliar as relações sociais, especialmente com relação às famílias, e falam, essencialmente, a respeito do contexto de violência que abrange o seu trabalho (Codo, 2006).

Para enfrentar esses desafios, é crucial que as instituições policiais militares ofereçam e mantenham serviços de apoio psicológico e emocional adequados para seus policiais em serviço operacional desde o início de suas carreiras. Adicionalmente, quando os profissionais se conscientizam de seu sofrimento e alienação, é importante que vejam essa situação como uma oportunidade de ressignificação. Eles podem buscar o autoconhecimento e uma compreensão contínua do significado de seu trabalho, tanto para si mesmos quanto para a sociedade.

Portanto, compreender e cultivar o significado e o propósito do trabalho na polícia militar, especialmente no serviço operacional, ao longo da carreira, é uma tarefa contínua. Isso não apenas auxilia na superação da alienação e desmotivação, mas também permite que os profissionais, cientes de seu papel e função, busquem

uma redefinição do significado do trabalho. Desta forma, podem continuar desempenhando um papel essencial na sociedade, mantendo acesa a chama do propósito que os levou a escolher essa profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de trabalho em Marx (2013) continua a ser objeto de debates e análises críticas nos dias de hoje. Muitos estudiosos argumentam que suas ideias têm relevância para a compreensão das dinâmicas socioeconômicas contemporâneas. No entanto, também existem críticas em relação à aplicabilidade plena de suas teorias em diferentes contextos e à viabilidade de suas propostas de transformação social.

Ao abordar a escolha da carreira policial militar à luz da Psicologia Sócio-Histórica, torna-se evidente o papel essencial desempenhado pelo sentido do trabalho na trajetória profissional do indivíduo. Muitos jovens, seduzidos por idealizações de estabilidade financeira e segurança no emprego, são atraídos para a profissão policial militar. No entanto, ao longo do tempo, uma considerável parcela deles enfrenta desapontamento e desmotivação ao se deparar com a dura realidade do serviço operacional na Polícia Militar. Essa discrepância entre as expectativas e a realidade pode colocar em risco tanto o bem-estar pessoal dos profissionais quanto a eficácia de seu trabalho, muitas vezes culminando em processos de adoecimento.

Partindo do princípio de que a atual sociedade capitalista contribui muito para a formação de jovens idealizados e alienados, que fantasiam que a carreira policial militar possa oferecer um recurso de estabilidade financeira e emprego seguro, e que se tornarão totalmente realizados profissionalmente, é possível entender como as decepções que acompanham essa profissão podem ser particularmente angustiantes. Condições de trabalho adversas, escalas de serviço desgastantes e salários defasados acabam por expor esses profissionais a uma gama de desafios emocionais e mentais. No entanto, é vital compreender que esse sofrimento não deve ser

encarado como um beco sem saída, mas sim como um processo de despertar e consciência. À medida que os profissionais confrontam a dura realidade da profissão, eles têm a oportunidade de quebrar a alienação inicial e ressignificar o sentido e o significado do trabalho em suas vidas.

Para superar esse desafio, é fundamental adotar uma abordagem holística que integre as dimensões pessoal, social e profissional do serviço operacional da polícia militar. Essas instituições de segurança pública, Polícias Militares, devem fornecer suporte psicológico contínuo aos profissionais, reconhecendo os desafios emocionais e mentais que enfrentam regularmente no exercício de suas funções. Isso inclui, criar e/ou manter serviços de aconselhamento, programas de bem-estar e apoio para lidar com traumas e situações de risco.

Além disso, a busca por conhecimento pautada na razão é uma ferramenta poderosa para a ressignificação. Os policiais podem aprender a compreender os dilemas éticos e sociais inerentes ao seu trabalho, e isso pode dar um novo propósito à sua atuação, alinhando-a com os valores pessoais e a missão da instituição.

A formação contínua também desempenha um papel importante na manutenção do significado e do sentido do trabalho. Os profissionais devem ser incentivados a buscar oportunidades de aprendizado e desenvolvimento que os ajudem a se adaptar às mudanças nas demandas da sociedade e a aprimorar suas habilidades, sempre buscando compreender o seu real papel dentro dessa dinâmica.

Em resumo, a escolha da carreira policial militar no Brasil é complexa e frequentemente acompanhada por idealizações que podem se chocar com a realidade. O adoecimento, angústia e sofrimento, causados pela desilusão, podem ser encarados como o início de um processo de crescimento pessoal e uma oportunidade de uma ressignificação profissional. Ao entender melhor o contexto em que trabalham e as complexidades de sua profissão, os policiais militares no serviço operacional podem se tornar agentes de mudança, influenciando positivamente seus companheiros de trabalho, melhorando suas condições de trabalho e a sociedade

como um todo. A sociedade, a instituição e o próprio policial têm papéis importantes a desempenhar nesse processo, visando a promover a saúde mental e o bem-estar dos profissionais que dedicam suas vidas à proteção da comunidade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. **Polícias militares têm origem no século 19**. Senado

Notícias, 2013. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/25/policias-militares-tem-origem-no-seculo-19>. Acesso em: 12 jul 2023.

AGUIAR, Wanda. M. J. Consciência e Atividade: Categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica. *In*: W. A. M. Junqueira; A. M. B. Bock; Marchina, Maria, G.; Furtado, Odair (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Editora Cortez, 2007. p. 95-112.

ANTUNES, Ricardo, L. C. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BOCK, Ana Mercês Maria.; Gonçalves, Marchina, Maria, G.; Furtado, Odair.

Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. 3ª ed. Editora Cortez: São Paulo, 2007.

BOCK, Ana, M. B.; GONÇALVES, Rosa, Elisa, Z; MARCHINA, Maria, G. **Dimensão Subjetiva**: uma proposta para uma leitura crítica em psicologia. [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 jul. 2023.

BRASIL. **Lei nº 2.033, de 20 de setembro de 1871**. Altera diferentes disposições da Legislação Judiciária. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2033.htm. Acesso em: 15 jul 2023.

CODO, Wanderley. **Por Uma Psicologia do Trabalho**: ensaios recolhidos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CODO, Wanderley; Sampaio, José; Hitomi, Alberto. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. 2ª edição Petrópolis: Vozes, 1994.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Resolução CNS nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

GONÇALVES, Júlia; Silva, Narbal; SCHWEITZER, Lucas; TOLFO, Suzana da R. **Bases epistemológicas sobre sentido(s) e significado(s) do trabalho em estudos nacionais**. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, Florianópolis, v. 16, n. 1.; p. 103-116, jan-mar. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572016000100009. Acesso em: 04 ago. 2023.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução: Fernando Costa Mattos. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018.

LEONTIEV, Alexei N. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, Alexei. N. **Atividade, Consciência e Personalidade**. Tradução: Marcelo José de S. e Silva. 2014. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1974/06/Atividade-Consciencia-Personalidade.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2023.

MARTINS, Lígia. M.; Eidt, Nádia M. Trabalho e atividade: categorias de análise na psicologia histórico-cultural do desenvolvimento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 675-683, out/dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/P4BLV9bV3zzMmqJ7bDkjcCc/#>. Acesso em: 09 jul. 2023.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital**. Tradução de Barata-Moura, José e PINA, Álvaro. São Paulo: Avante, 2006.

MARX, Karl. **O Capital** [recurso eletrônico]: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O Capital** [recurso eletrônico]: crítica da economia política: Livro III: o processo global da produção capitalista. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. [recurso eletrônico]: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B.Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução de Rubens Enderle; Nélcio Schneider; Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

SÃO PAULO, Secretaria de Segurança. **Origem da Polícia no Brasil**. Disponível em: <https://www.ssp.sp.gov.br/Institucional/Historico/Historico.aspx>. Acesso em: 10 maio 2023.

SOUZA, Isabela. **Polícia Militar**: entenda a sua atuação em 7 perguntas. Disponível em: <https://www.politize.com.br/policia-militar/>. Acesso em: 09 Sep. 2023.

VYGOTSKY, Lev, S. **A Formação Social da Mente**. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

VYGOTSKY, Lev, S. **Pensamento e Linguagem**. Edição Eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores. Fonte digital, www.jahr.org, 2001.

Recebido em 18/05/2024

Versão corrigida recebida em 30/10/2025

Aceito em 02/06/2025

Publicado online em 30/07/2025